

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAUL VECCHIALI, FAZER CINEMA NA DIAGONAL
26 de Fevereiro de 2025

LES SEPT DÉSERTEURS OU LA GUERRE EN VRAC / 2017

Um filme de Paul Vecchiali

Realização e Argumento: Paul Vecchiali / Direcção de Fotografia: Philippe Bottiglione / Direcção Artística: Maurice Hug / Guarda-Roupa: Catherine Gorne / Som: Francis Bonfanti / Montagem: Vincent Commaret / Interpretação: Marianne Basler (Madeleine), Astrid Adverbe (Natacha), Simone Tassimot (a freira), Jean-Philippe Puymartin (Alexandre), Ugo Broussot (Denis), Bruno Davézé (Serge), Pascal Cervo (Simon).

Produção: Dialectik / Produtor: Paul Vecchiali / Cópia digital, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 98 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Aviso: a cópia digital que vamos exhibir tem ocasionalmente algumas brevíssimas interferências, na forma de manchas amareladas que aparecem e desaparecem num piscar de olhos. Literalmente, num piscar de olhos: são tão rápidas que se apanharem o espectador num momento em que pestaneje talvez ele nem dê por elas. Acontece umas 7, 8 vezes ao longo do filme, e não chega verdadeiramente a perturbar. Mas fica o aviso.

Vecchiali filmou, podemos dizê-lo como mais do que só força de expressão, até morrer. **Les Sept Déserteus ou la Guerre en Vrac**, estreado no ano em que cumpriu 87 anos, é o quinto filme a contar do fim, ou seja, de **Bonjour la Langue** (filme que já estreou depois da morte de Vecchiali, em 2023), o que também quer dizer que nesta recta final a produção do autor debitava praticamente um filme por ano, e nalguns anos até mais do que um só filme: entre 2014 e 2023, Vecchiali estreou onze filmes, nove deles de longa-metragem.

Não é só um caso de criatividade e de produtividade, é também um caso de *produção*, e de soluções de produção, que Vecchiali se habituara a resolver por mão própria desde que fundara a Diagonale nos anos 1970. Aqui já não havia a Diagonale, havia a sua sucessora, a Dialectik, e era quase como um regime de estúdio à antiga, mas centrado na figura de um só autor-produtor. Também nisto, na solução do “problema da produção”, a obra de Vecchiali é notável, e vale a pena, mais uma vez, insistir nisto.

Se nesse aspecto nos aproximamos de uma “reprodução”, em curtíssima escala, de uma lógica clássica, é por memórias clássicas que o filme começa, numa introdução – que é como um prefácio – assinada na primeira pessoa (é curioso que embora Vecchiali não fosse particularmente admirador de Sacha Guitry ele tenha, a partir de dada altura, assumido o lugar e a figura de autor *dentro* dos filmes de uma forma bastante

aproximável ao que Guitry fez em tantos casos). Nessa introdução, Vecchiali homenageia os cineastas que filmaram a guerra e que lhe mostraram como filmar a guerra – Samuel Fuller, William Wellman, Godard. Há ecos de filmes específicos destes realizadores nos **Sept Déserteurs** (**Merrill's Marauders** ou **Big Red One** para Fuller, **Story of GI Joe** ou **Battleground** para Wellman, os **Carabiniers** para Godard), e até se podia ter acrescentado mais um (um filme da família destes: o **Naked and the Dead** de Raoul Walsh). Filmes que puxam para os intervalos entre combates, para as caminhadas, para as confraternizações entre soldados, filmes que mostram a guerra tendendo a fugir dela mas sabendo que é impossível fugir dela. Se as personagens de Vecchiali, como “desertores”, estão em fuga da guerra, a guerra não deixa de estar presente nem de os envolver – algo que é materialmente sinalizado por um dos detalhes mais brilhantes do filme, a onnipresença na banda de som de ruídos de combates (disparos, rajadas, explosões). Claro que se procura muito menos um efeito “realista” do que justamente chegar a uma sensação de cerco, a uma lembrança permanente de que a guerra existe, está lá, o isolamento completo é impossível. De resto, a lógica do filme está muito mais próxima do verismo teatral do que do realismo cinematográfico – um número reduzido de personagens, praticamente um só décor (os bosques e descampados em redor das ruínas de uma igreja ou capela, com aquela grande cruz que para além de todo o simbolismo inerente traz uma memória muito viva do **Big Red One** de Fuller); e, depois, a palavra.

É um filme de palavras, sobretudo, um filme de texto (e até um “filme de textos”, porque nos diálogos e monólogos notam-se citações, “collages”, que se vêm imiscuir no que o texto tem de original). Através disso, é uma reflexão sobre a violência, sobre o estado de guerra, a guerra “en vrac”, que se pode traduzir por “a guerra em geral” ou melhor “a guerra ao monte”, “desordenada”, todas as guerras – a Guerra – subsumidas numa representação geral da guerra. Um lamento, evidentemente, que parte do princípio que este “en vrac” é a condição genérica da existência da humanidade, para a qual só há duas hipóteses de fuga ou de mitigação. A deserção, primeiro, o gesto de recusa radical e total – como, de certa forma, Vecchiali “desertou” do “campo de batalha” do cinema (ainda a questão da produção e da sua solução). A sensualidade, o desejo, o sexo, depois: se as personagens (como as do **Decameron** ou dos **Contos de Cantuária**) contam histórias umas às outras, as suas histórias pessoais ou outras histórias, é fatal que novas histórias se desenvolvam dentro do grupo de desertores. É uma moral muito vecchialiana: pode-se desertar de muita coisa, mas do desejo (do desejo de cinema, do desejo de amor) a deserção é impossível.

Muito belo filme.

Luís Miguel Oliveira